

Dívida latina preocupa os ricos

Washington — Os ministros de finanças das sete maiores nações industrializadas iniciaram ontem, nesta capital, dois dias de conversações sobre os grandes problemas econômicos do mundo e lançam a primeira luz para tratar com um enfoque mais realista o problema do pagamento de mais de US\$ 400 bilhões da dívida da América Latina.

Os ministros do Japão, Canadá, França, Alemanha Ocidental, Itália, Grã-Bretanha e dos Estados Unidos compareceram a um jantar de trabalho ontem à noite e a uma reunião hoje no departamento do tesouro norte-americano.

De um modo geral, o que centralizará a atenção do grupo chamado G-7 é a inflação, o de-

semprego, o crescimento, os desequilíbrios comerciais e as taxas de câmbio desses sete países que representam a economia mundial.

Os economistas locais destacam, porém, que esta é a primeira reunião que se realiza dentro da nova percepção de que o problema da dívida do mundo em desenvolvimento e a questão da dívida interna e o déficit comercial dos Estados Unidos são parte do mesmo problema.

O déficit fiscal norte-americano deste ano pode superar em 10% os US\$ 155 bilhões registrados no ano fiscal 1988. Ao mesmo tempo o déficit do comércio exterior foi de US\$ 137 bilhões nos onze primeiros meses de 1988.

Essa é uma das razões da

“revisão de fundo” da questão anunciada pelo presidente George Bush.

Flexibilidade

O ministro de finanças da Alemanha Ocidental Gerhard Stoltenberg, disse que o G-7 “deve estar disposto a adotar soluções mais flexíveis ou correr o risco de presenciar um surto de extremismo na América Latina”.

A posição norte-americana até agora tem sido a de que não se pode pedir aos bancos que aceitem perdas pelos milhões de dólares que emprestaram na década passada, principalmente à América Latina.

O plano formulado pelo então secretário do tesouro, James A. Baker, com a cooperação do Fundo Monetário Internacional

(FMI), tinha como objetivo principal manter a estrutura bancária existente mediante uma infusão de novo capital para ajudar a pagar velhas dívidas.

Dívida

Setenta e quatro por cento das obrigações externas da América Latina correspondiam a bancos principalmente norte-americanos, segundo as últimas cifras disponíveis para 1987.

Entretanto, o Plano Baker teve como resultado a transferência de US\$ 45 bilhões aos bancos privados sem que estes tenham aumentado de modo significativo os créditos aos países endividados.

Os países endividados não podem se dar ao luxo de comprar produtos norte-americanos por que têm que dedicar 30 a

50% de suas receitas de exportação ao pagamento da dívida externa.

“Os produtores de manufaturas e não os bancos norte-americanos são os que estão pagando o preço da atual estratégia”, disse Bradley numa reunião que precedeu a conferência do G-7.

Bradley considera que está no tempo de “sepultar” o Plano Baker ao qual se opôs desde o início e considera que chegou o momento de o governo norte-americano pressionar os bancos para que aceitem uma redução do peso da dívida que está distorcendo gravemente as correntes comerciais e, conseqüentemente, contribuindo significativamente para o progressivo déficit comercial norte-americano.